

Elisa Rossi

Universidade de Lisboa
erossi@edu.ulisboa.pt

Buffoni, Franco. *Con il testo a fronte. Indagine sul tradurre e l'essere tradotti*. Novara: Interlinea, 2016. 318 pp. ISBN 978-88-6857-070-5

Em 2016 foi publicada, pela editora Interlinea, a segunda edição de *Con il testo a fronte. Indagine sul tradurre e l'essere tradotti*, do crítico e poeta Franco Buffoni. Trata-se da edição ampliada de um volume que, a partir de 2007 na sua primeira edição, ganhou um interesse que se mantém até aos dias de hoje, por duas razões principais: em primeiro lugar, pela relevância do seu autor no âmbito crítico-literário dos estudos de tradução em Itália, Franco Buffoni; em segundo lugar, pela originalidade da proposta, tanto no plano do conteúdo como da arquitectura interna.

Franco Buffoni pode ser definido como um intelectual polivalente, sobretudo pela profunda consciência do repertório literário de que se ocupa e pela versatilidade que caracteriza o seu percurso. Paralelamente à sua experiência como académico, crítico e poeta, especializou-se como tradutor e estudioso da tradução, a partir da organização do colóquio *La traduzione del testo poetico*, na Universidade de Bergamo em 1988, e da publicação do primeiro número da revista semestral *Testo a Fronte*, da qual é director, em 1989. À revista, ainda hoje activa, pertencem também duas séries, uma ensaística, “I saggi di Testo a fronte”, e outra de literatura em tradução, “I testi di Testo a fronte”, onde são publicados livros de poesia estrangeira traduzida.

Esta dupla vertente da tradução, teórica e prática, encontra-se sempre interligada ao longo de *Con il testo a fronte*, mas é também salientada pela presença implícita de duas secções internas. A primeira, entre os capítulos 1 e 4, em que, já pelos títulos (“Perché si parla di traduttologia?”; “George Steiner e l’atto creativo rivissuto”; “Ritmologia: una scienza con tre anime”; “Lingue traduzione e conoscenza”), se percebe o

carácter mais teórico da reflexão; a segunda, a partir do capítulo 5, “Imenso Rabelais”, que consiste em casos específicos e concretos, a que se aplicam os conceitos introduzidos nos primeiros capítulos. Nesta segunda parte, composta por 29 capítulos, com um mínimo de duas páginas (“Ritraduzioni?”) e um máximo de 20 (“Seamus Heaney tradotto e traduttore”), encontramos uma breve secção interna, que vai do capítulo 32 ao capítulo 34, dedicada especificamente ao relato de várias experiências literárias de amigos e mestres que se cruzaram no seu percurso literário com Franco Buffoni.

Na primeira parte, aquela onde a reflexão teórica é prevalente, coexistem diferentes objetivos. Inicialmente, é delineada uma história recente dos estudos de tradução, com foco particular na tradução literária, começando pela publicação, em 1963, de *Les Problèmes théoriques de la traduction* de Georges Mounin, volume que merece a designação de “manual europeu”, mas cuja “concepção rigorosamente estruturalista da literatura” é avaliada negativamente, na opinião de Buffoni, pela imposição de normas científicas ao acto de tradução (7). O momento decisivo para que aconteça “a primeira grande rebelião internacional contra os dogmatismos da linguística teórica” (7) reside, para o estudioso, na publicação de *After Babel*, de George Steiner, em 1975. O mérito de Steiner consiste principalmente no reconhecimento da autonomia do texto em tradução e da sua componente criativa; Buffoni não deixa de sublinhar que as mesmas ambições se encontravam expostas no volume de Gianfranco Folena, *Volgarizzare e tradurre*, de 1973, não citado por Steiner e ainda hoje pouco (re)conhecido. Com efeito, o objetivo de Buffoni é destacar os maiores expoentes da crítica de tradução a nível europeu, como é o caso de Steiner, mas também reconhecer a especificidade da tradição italiana. O apreço pelos estudos de Steiner é tema principal no segundo capítulo, onde emerge, além da importância das questões levantadas na segunda edição de *After Babel* (1992), a gratidão humana por o mestre ter aceitado, em 1988, juntar-se ao conselho científico da revista *Testo a Fronte*.

Outras etapas fundamentais para a progressiva libertação da tradução do domínio científico da linguística são, na opinião de Buffoni, a publicação de *Umeni prekladu* do estruturalista de Praga Jiří Levý, em 1963, e a obra de Friedmar Apel, *Literarische Übersetzung* (1983).

Apel critica a obra de Levý – injustamente, segundo Buffoni, por não ter em conta a sua contextualização – porque, apesar de reconhecer a autonomia do fenómeno da tradução, correria o risco de querer adoptar regras fixas. De Apel à escola neo-fenomenológica italiana, dentro da qual Buffoni se reconhece, o passo é breve: o objectivo é afastar-se de qualquer tipo de polarização que pretenda definir *o que é* a arte e, simultaneamente, introduzir conceitos que ajudem a estudar *como é* a arte. Mais especificamente, os conceitos propostos por Buffoni – alguns retomados por outros estudiosos, outros introduzidos por ele mesmo – são cinco.

O primeiro conceito, elaborado por Apel, é definido como o “movimento da linguagem”, consistindo na aceitação de que os textos mudam o seu significado ao longo do tempo através da evolução semântica das suas palavras, permitindo afastar-se da ideia da fixação ao denominado “original” e possibilitando uma consideração de paridade com a respectiva tradução.

O segundo conceito, o de *avant-texte*, permite repensar o mesmo “movimento da linguagem”, mas em direcção contrária, ao passado: avaliar os materiais anteriores à publicação de um texto ajuda a adquirir uma visão aberta e “em progresso” da criação literária.

O terceiro conceito, a “intertextualidade”, entendido na acepção de Julia Kristeva de “absorção e transformação” de outros textos dentro do novo texto (1967), está em consonância com o quarto conceito, o de “poética”. Se a perspectiva intertextual permite estabelecer uma relação dialógica, e não hierárquica, entre o original e a tradução, o conceito de “poética” permite o estudo deste encontro. Na opinião de Luciano Anceschi retomada por Buffoni, a poética reúne a perspectiva teórica e consciente dos autores sobre as suas escolhas criativas; o encontro intertextual poderia ser visto como um encontro entre poéticas, entre “dois momentos constitutivos, dois processos, não dois resultados imóveis e parados” (18).

Por fim, o conceito de “ritmo” – abordado num capítulo à parte, o terceiro – é analisado através das diversas escolas da chamada “ritmologia”; entre as várias perspectivas existentes, Buffoni destaca a proposta de Henri Meschonnic que, investigando o conceito de ritmo pré-platónico, o define não como uma alternância descontínua entre

tempos, mas como “organização do movimento da palavra através de um sujeito” (29).

Os cinco conceitos apresentados têm o mérito de produzir um efeito de reverberação, ampliando a reflexão sobre a tradução literária, sem, todavia, perder o foco do problema. O mesmo efeito reflecte-se na segunda parte do volume, onde, à luz das propostas teóricas levantadas, são indagadas possíveis e distintivas formas de entender a relação entre poesia e tradução. Emergem assim as mais diversas tipologias de encontro: em maior medida encontram-se análises de traduções, dos clássicos antigos, como Catulo e Eurípides (cap. 18), passando por autores renascentistas, como François Rabelais (cap. 5) ou William Shakespeare (cap. 6), até aos contemporâneos, como Giacomo Leopardi (cap. 9), Emily Dickinson (cap. 13), W.B. Yeats (cap. 14) ou Samuel Beckett e James Joyce (cap. 16) – só para citar alguns. A leitura de Buffoni distingue-se pela atenção linguística dada ao texto traduzido, analisado com a mesma importância de um texto original; o autor procura perceber as razões que justificam as escolhas de tradução, mas também faz apreciações qualitativas, destacando as versões que, no seu entender, têm conseguido alcançar o esperado “encontro entre poéticas”. Neste sentido, é dada particular atenção também ao aspecto estilístico, numa perspectiva histórica, tanto do autor como do tradutor.

Um outro ponto de vista é oferecido nos capítulos em que Buffoni relata as suas próprias experiências como tradutor de Byron (cap. 10), de J.H. Prynne (cap. 25) ou de Seamus Heaney (cap. 26). A escolha de incluir as suas traduções parece corresponder a uma espécie de competição literária que, segundo o próprio, pode trazer benefícios vários: o autor alterna o seu papel de crítico com o papel de escritor, envolvendo-se activamente na busca pela tradução última, a mais apropriada.

No que concerne às leituras críticas, os capítulos desta segunda parte não se limitam ao estudo das traduções, incluindo também diálogos sob a forma de reescrita, imitação ou outro tipo de revisitação do texto de partida. Apresentam-se casos particulares, como o da “tradução inscrita” de Josif Brodskij, que escreve em russo já consciente do trabalho de autotradução para o inglês (cap. 28); ou de Emanuel Carnevali, poeta italiano que emigra para os Estados Unidos e que consegue, nos seus

textos, criar uma língua em que italiano e inglês parecem fundir-se (cap. 15); ou, ainda, o exemplo do soneto de John Keats sobre a tradução da *Odisseia* de Chapman, uma reflexão em verso sobre o papel de intermediação que a tradução desempenha entre culturas e épocas diferentes.

Deste modo, através de diversas e numerosas configurações, é progressivamente delineada uma complexa fenomenologia da relação entre textos, autores e sistemas linguísticos, em que as traduções representam uma das expressões possíveis de interação. Esta intenção torna-se explícita na contínua recuperação dos cinco conceitos, que retornam de forma não sistematizada, mas com uma constância que permite elucidar vários casos concretos. Um exemplo emblemático está contido no capítulo “Ritraducendo Seamus Heaney”, onde o autor destaca as diferenças entre a primeira e a segunda versões da tradução do poema *North*, por ele redigidas em 1987 e em 1995, respectivamente. Neste intervalo de tempo, tanto o acesso aos documentos do *avant-texte* como a mudança da própria “poética” do tradutor determinam interpretações diferentes do mesmo texto.

Outro elemento que emerge do relato destas experiências é a atenção à contextualização da tradução literária no mundo editorial. Buffoni, em virtude da sua actividade editorial, tem a capacidade de descrever com rigor as circunstâncias específicas que caracterizam o mercado da tradução. Por exemplo, no capítulo 31, reflecte sobre a verdadeira utilidade de traduzir de novo um texto anteriormente traduzido para a mesma língua de chegada. Esta escolha editorial será, muitas vezes, precipitada e ambiciosa, por descartar à partida trabalhos já existentes, realizados com maior tempo e esforço. No mesmo sentido, no capítulo 19, é reproduzida uma troca epistolar entre o autor e Andrea Zanzotto, em que se refere o risco de, na literatura europeia, desaparecer completamente o *testo a fronte* nas edições de poesia.

A última característica destacável deste volume é a escolha de um estilo concreto e conciso, que, apesar da especificidade técnica da linguagem, torna o texto acessível a qualquer leitor interessado em adquirir uma maior proximidade com os estudos de tradução.

No seu conjunto, a obra de Buffoni apresenta-se como uma publicação muito particular no âmbito da disciplina, ao ponto de se

auspiciar que, no futuro, possa ser conhecida em maior profundidade fora do mercado italiano. Por um lado, *Con il testo a fronte* delinea uma parcela da história da tradução literária, em todas as suas facetas – autores-tradutores, estilos, sistemas editoriais, contextos históricos e sociais, etc. –, oferecendo finalmente um panorama completo de um género – o da tradução – ainda hoje pouco reconhecido. Por outro lado, utilizando o prisma das traduções, emerge um percurso latente da literatura ocidental europeia e norte-americana “canónica”: seguindo as trajectórias da segunda vida dos textos é possível antever as luzes e as sombras do seu impacto nas diferentes culturas e perceber os seus mecanismos. Todavia, a tradução não adquire importância incondicionalmente, sendo também destacado o seu valor literário autónomo. A forma de Buffoni expor abertamente uma opinião sobre as traduções, assinalando os casos por si considerados, convida a uma percepção crítica e, por conseguinte, mais aprofundada dos textos. Ao mesmo tempo, a escolha de apresentar a perspectiva teórica através de uma linguagem acessível, e ao fornecer vários exemplos concretos, sob vários pontos de vista, possibilita uma maior apropriação do conteúdo por parte do leitor, que é implicitamente, mas constantemente, convidado a elaborar uma opinião pessoal sobre as traduções propostas.